

Deslocamentos do olhar: o brincante e o ator no contexto da quadrilha acriana

Andréa Maria Favilla Lobo
Universidade Federal do Acre – UFAC
mestre
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG
atriz

Resumo: Apresenta-se como desafio constante, no campo da pesquisa em artes cênicas, a construção de pontes e de espaços de diálogo entre a teoria e a prática, a ciência e a arte. O enraizamento numa tradição dicotômica e repleta de dualidades tais como: corpo/mente; arte/ciência; ciência/religião, não contribui de forma alguma com essa empreitada. O estudo de espetáculos, festas, jogos, folguedos, brincadeiras e dos processos efêmeros e repletos de vida e movimento presentes nessas manifestações espetaculares constitui um esforço empreendido desde o final do século XX pela etnocologia, configurando-se num desafio constante, inerente à emergência de todo novo campo do saber. O objetivo desse trabalho é refletir sobre as interações sociais ocorridas nas encenações presentes nas quadrilhas e nos grupos teatrais do interior acriano, a partir do olhar da etnocologia. Consideraram-se as contribuições teóricas discutidas no último colóquio internacional de etnocologia, no sentido de possibilitar uma maior aproximação do objeto de estudo com as discussões teóricas ali presentes. Nesse sentido, tanto a quadrilha quanto a cena teatral são compreendidas como manifestações espetaculares, ou seja, práticas interativas organizadas e extracotidianas. Num segundo momento, discutem-se os processos de deslocamento ocorridos por meio das práticas do brincante e do ator. Tais deslocamentos são compreendidos em função de movimentos que vão ao encontro de uma identidade forjada por parte do poder público e das políticas culturais presentes no estado do Acre. Ao final, como hipótese, discutem-se alguns comportamentos cotidianos do brincante e do ator, a partir de uma determinada cultura amazônica, cujos processos de identificação desses sujeitos são pensados a partir das transformações ocorridas nesse contexto.

Palavras-chave: etnocologia, brincante, quadrilha, Amazônia, Acre.

Este trabalho apresenta reflexões em torno de uma proposta inicial de estudo da quadrilha, em Rio Branco/AC, compreendida como manifestação espetacular, ou seja, prática interativa organizada e extra-cotidiana. Também serão considerados os aspectos da teatralidade que são inerentes ao contexto social de que fazem parte tanto o brincante quanto o ator. O objetivo do projeto de pesquisa apresentado neste trabalho é discutir sobre as interações sociais ocorridas nas encenações presentes nas quadrilhas da capital acriana, a partir do olhar da etnocologia. Neste sentido, pretende-se discutir os processos de deslocamento ocorridos por meio das práticas do brincante e do ator. Tais deslocamentos serão compreendidos em função de movimentos que vão ao encontro de uma identidade forjada por parte do poder público e das políticas culturais presentes no estado do Acre.

Rascunhando o objeto de investigação: a construção de um olhar transitório

O espaço social se configura como um cenário onde os sujeitos se movimentam e se organizam em função do outro, as trajetórias subjetivas são dependentes das interações sociais que ocorrem nesse espaço. Grupos e situações surgem historicamente engendrando saberes em suas histórias de vida. São várias as manifestações que se formam e transformam no seio desse movimento. Algumas manifestações culturais que nos interessam entram nesse fluxo criativo. Compreender esses movimentos, que nos afetam e que por vezes se manifestam como expressões artísticas é tarefa que exige, além de olhares vibrantes e não estáticos, um *atravessamento* de impressões que nos remetam para além do que está ali manifesto. Em outras palavras, o que nos interessa aqui é construir um olhar mais generoso e vibrante em torno de nosso objeto de investigação, ou seja, as interações sociais ocorridas nas encenações presentes nas quadrilhas em Rio Branco/AC, e seus deslocamentos para outros campos de atuação.

Nosso objeto de estudo se manifesta por meio de encenações e espetáculos em torno da quadrilha acriana, do casamento na roça e de espetáculos de grupos teatrais da região.

O que prende o nosso olhar? Parece-nos fundamental discutir essa questão como foco de nossas reflexões, no que tange ao delineamento de nosso objeto e as escolhas teóricas adotadas. A construção de um olhar diz respeito às perspectivas que tomamos como referência para a compreensão de um fenômeno social. Pois nesse campo, os percursos necessitam ser cuidadosamente construídos. Interessa-nos aqui refletir sobre as manifestações acima citadas na perspectiva de duas palavras definidas por Armindo Bião (2009), teatralidade e espetacularidade¹. Utilizamos esses termos como mola propulsora para iniciarmos os primeiros passos de nosso percurso em direção a construção do que estamos temporariamente nomeando de olhares generosos e vibrantes em torno da construção de nosso objeto de investigação. Trata-se antes de um ensaio para a elaboração de um projeto de pesquisa do que análises dos possíveis resultados de uma investigação ainda em fase embrionária.

O que prende o olhar da pesquisadora? A pergunta, em vez de suscitar uma única possibilidade, remete-nos a terrenos férteis e movediços das interações sociais, tanto na dimensão da teatralidade como da espetacularidade. A questão poderá ser respondida de inúmeras formas, despertando interesses, na dimensão micro, no campo das subjetividades e de suas produções e na dimensão macro, no campo das instituições, que produzem efeitos nas diversas práticas sociais por meio, muitas vezes, de discursos hegemônicos e coercitivos.

¹ Segundo Armindo Bião, teatralidade são interações humanas, as mais cotidianas, em que as pessoas envolvidas agem, simultaneamente, como atores e espectadores da interação, já espetacularidade são interações humanas organizadas e extra cotidianas, inerentes a cada cultura. (2009:35)

Pensemos a teatralidade inerente a toda interação humana, que ocorre desde as ações mais cotidianas imprimindo nas organizações dos sujeitos um movimento voltado para o olhar do outro, sem neste momento ocorrer à distinção entre atores ou espectadores, agindo simultaneamente, são manifestações que ocorrem no cenário de cada cultura, consistindo em espaços de sobrevivência de suas crenças e hábitos, muitas vezes obscuros ou evidentes, mas, *praticado pela maioria absoluta dos indivíduos de uma sociedade* (BIÃO, 2009:35). Nesse contexto, os olhares necessitam de um deslocamento considerável capaz de despertar processos e atravessamentos na pesquisadora, engendrando movimentos de fuga (e fuga entenda-se aqui não como alienação ou escape, ou medo da contaminação do objeto, conforme prega certa ciência etnocêntrica repleta de uma racionalidade instrumental). A fuga como movimento estético, ético e político, ou seja, segundo o dicionário AURÉLIO (2002:335), a fuga no campo musical seria a: *composição polifônica baseada na imitação, e que explora sistematicamente os recursos de um tema principal (sujeito) e de temas secundários (contra-sujeitos), apresentados em contraponto com o sujeito*. Seria a diversidade de sons, melodias, engendradas a partir desta relação entre o tema principal ou vários temas principais e o contraponto, entre pesquisadora e objeto de estudo. A pesquisadora contraponto que estaria de fora, mas ao mesmo tempo fazendo parte do processo de criação da composição. Ocorrendo melodias do grupo e da própria pesquisadora, que hora se afasta e hora se aproxima na ação generosa de compartilhar e investigar afetando e sendo afetada por esses movimentos. Em outras palavras, são subjetividades humanas em ritmo e pulsação, não são coisas, não há pretensão de uma captura de processos com vias a generalização e nem a criação de *Leis Universais*.

A possibilidade desse encontro no cenário da teatralidade diz respeito às trocas que ocorrem no campo social, entre as pessoas que em nosso caso são os artistas, brincantes, mas que também podem ser reconhecidos por outros nomes, cidadãos, mães, pais, amigos, irmãos, alunos, professores, gays, marginais, militantes, etc. Interessa-nos menos o nome do que o movimento de ruptura com esses espaços, e nesse sentido o artista, ou aquele que se envolve com manifestações espetaculares em suas várias dimensões, possui sim um lócus social distinto. A distinção se dá pela maleabilidade de possibilidades de engendramento de subjetividades múltiplas, de metamorfoses de práticas que contribuem para a impossibilidade de qualquer tentativa de classificação dessas subjetividades em gavetas fechadas ou identidades coladas.

O que prende o nosso olhar nesse contexto de estudo são os processos de deslocamento entre o brincante e o artista e nas estratégias de intervenção nos espaços de discussão das

políticas públicas no campo da cultura. Interessa-nos menos a análise das origens das manifestações espetaculares, ou no que está por trás dessa festa ou do próprio espetáculo, do que os efeitos que essas práticas podem provocar na dinâmica social do contexto acriano. Não pretendemos neste texto esgotar as possibilidades de discussão em torno de tal objeto que se delinea aos poucos, e outros aspectos sem dúvida deverão ser analisados com maior critério. No entanto, considera-se relevante esclarecer sobre o foco inicial a fim de que possamos definir com mais propriedade os passos seguintes.

Por fim, consideraremos, na quadrilha, mais especificamente, o casamento na roça, deslocado da dança. Com esse recorte pretende-se investigar não só os processos de elaboração da cena do casamento no bojo de uma determinada quadrilha acriana, a *pega-pega*, mas também a forma de organização da quadrilha na comunidade. Interessa-nos compreender as estratégias de diálogo construídas entre a comunidade onde a quadrilha se insere e as políticas públicas na área de cultura do estado do Acre. Pretende-se também discutir a concepção de identidade produzida pelo discurso público.

Acredita-se que a realização deste estudo, com o aporte da etnocologia, possa contribuir para a discussão em torno de processos metodológicos que favoreçam diálogos significativos entre as práticas acadêmicas e artísticas, traduzindo as peculiaridades inerentes às manifestações espetaculares presentes no contexto social amazônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIÃO, Armindo. **Etnocologia e a cena baiana**: textos reunidos. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

FERREIRA, A.B.de H. **Miniaurélio século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VELOSO, Jorge das Graças. **Benedito**: imaginário e tradição no interior de goiás e o teatro gestual da cia dos homens. Brasília: Thesaurus, 2008.